

19 JUL 1989

O culote roto do cidadão Sarney

LUIZ CLÁUDIO CUNHA

O chefe da lavanderia da rainha Maria Antonieta, à frente de 36 granadeiros, 21 fuzileiros e 400 populares armados, comandou o primeiro ataque organizado à fortaleza, no começo da tarde de 14 de julho de 1789. À noite, a Bastilha estava tomada pelos sans-culottes, o povo pobre que não usava culotes como os ricos.

Dois séculos depois, para comemorar a data que simboliza a queda dos privilégios e o fim do poder absoluto dos monarcas, o chefe da Nova República brasileira, no comando de uma alegre comitiva de 150 amigos, parentes e convidados, desembarcou em Paris para a jornada mais ridícula deste longo reinado de cinco anos, que chega ao seu melancólico final ao melhor estilo Luís XVI: perdendo a cabeça.

Com o culote de rico, apesar de estar montado na maior divida externa do mundo, o cidadão José Sarney engrossou sua comitiva oficial de 12 pessoas com mais alguns parentes e amigos e, desprezando a frota aérea do governo ou os vôos comerciais de rotina, fretou um DC-10 de 226 lugares que decolou de Brasília estranhamente vazio e retornou de Paris inevitavelmente cheio. Na capital francesa, aparelhada com milhares de agentes para a proteção de 32 chefes de Estado e equipada com 92 mil restaurantes, o presidente brasileiro desfilou com quatro agentes de segurança e um inseparável José — o garçon José Brandão, um cidadão menos impressionado com a festa da revolução do que pelo colorido da diária em dólares que vai multiplicar por quatro seu salário de 500 cruzados novos. Apesar de tão bem servido e protegido o José presidente chegou a Paris chutando pedra,

**A jornada
mais
ridícula
destes
cinco anos**

reclamando em carta comovente ao anfitrião François Mitterrand pela difícil situação dos pobres do Hemisfério Sul, que Sarney tão bem representa. Antevendo a violência dos miseráveis, Sarney advertiu seu colega francês: "É a revolta do desespero, da ausência de perspectivas, da frustração das grandes massas carentes e desencantadas". Isso, porém, não perturbou seu apetite: depois de um merecido descanso no quarto

da mansão do século XIX que ocupou na avenida Foch, o endereço mais caro do mundo, o presidente desceu para almoçar, com parentes e amigos, em torno de um típico cardápio local (foie gras, filé au gratin, sorvete, vinhos e champanhe — nacional, é claro). Esta conta, pelo menos, foi paga pelos cidadãos da República francesa.

À falta do que fazer, o presidente Sarney aproveitou a festa nacional para promover uma festa particular — e distribuir a mais alta condecoração brasileira, a Ordem do Cruzeiro do Sul, a uma dúzia de personalidades ilustres e outras nem tanto. Entre elas, um certo Jean Orecchioni, a quem a pátria brasileira deve a versão para o francês do livro Norte das Águas, escrito por um certo José Sarney. Distribuídas as medalhas, o presidente brasileiro só então se deu conta daquilo que, 200 anos antes, tanta indignação provocou nos sans-culottes: ele não havia sido convidado para o melhor da festa. Enquanto Mitterrand recepcionava os líderes dos sete países mais ricos do mundo para um jantar de gala, Sarney e os outros pobres seriam servidos na copa, ou melhor, na sala ao lado, a cargo do primeiro-ministro Michel Rocard. Presidente da terceira maior democracia do mundo, como ele costuma dizer, Sarney sentiu-se ultrajado com a desfeita — até porque a delegação brasileira, maior do que a da União Soviética (a segunda maior potência do planeta), ocupou faustosamente 60 apartamentos do elegante hotel Nikko, onde reluzem quatro estrelas e onde se cobram diárias de 250 dólares por casal. Ora, pobre não teria esses luxos, monsieur Mitterrand!

Resultado de tanto incômodo: o presidente, amuado, acabou não fazendo aquilo que levou 32 governantes do mundo a Paris e que arrastou um milhão de pessoas para a rua. Sarney não foi ao jantar, e dormia enquanto acontecia o grande desfile dos Champs Elysées em homenagem ao bicentenário. Tanto dinheiro gasto por nada! Verame pior foi a desculpa, no dia seguinte, para o "mal-estar" que tirou nosso presidente da festa: "Foi uma maládie-diplomatique, uma doença diplomática", explicou o próprio Sarney. Nessa sucessão monumental de deslegância, capaz de aterrorizar o mais jacobino dos franceses, o Brasil conseguiu exibir ao mundo uma nova classe, tão marcante como os sans-culottes: os sans-honte. Ou, como diriam franceses e francesas, "sem-vergonha".

Luiz Cláudio Cunha é diretor da Agência Estado em Brasília